



UFSC



Artigos Livres

Novos modos de subjetivação e a repercussão no adolescer

New modes of subjectivation and the repercussion in adolescence

Ana Clara Consoni Mossini¹ , Eduardo Toshio Kobori¹

¹Centro Universitário de Ourinhos, Ourinhos, SP, Brasil

RESUMO

Para investigar as formas atuais de sofrimento, bem como os efeitos deste processo na constituição subjetiva dos adolescentes, num primeiro momento foram discorridas, principalmente, as teorias de Freud e Aberastury a respeito da compreensão da adolescência e suas implicações, tais como, as ondas pulsionais relacionadas a sexualidade e os lutos decorrentes desse período, perpassando rapidamente pela infância e suas particularidades até a chegada da adolescência. Em seguida foram expostas algumas características do período histórico em que vivemos e seus possíveis impactos nos processos de subjetivação, indicado através das contribuições de Guy Debord, Joel Birman e Christopher Lasch em suas críticas sobre a cultura do narcisismo e a sociedade do espetáculo. Também, as diversas configurações familiares presentes na contemporaneidade são palco de conflitos e transformações sociais, bem como ponto de partida para novos modos de subjetivação e construção de personalidade. Estes estudos estão apoiados na óptica de Freud e Lacan, bem como o declínio da função paterna. Por último, autores alertam sobre o uso e abuso da tecnologia enquanto dispositivo de tamponamento do ser e sentir e apontam possíveis consequências. Ao final, indicaremos a continuação da pesquisa.

Palavras-chave: Psicanálise; Adolescência; Subjetividade; Contemporaneidade; Tecnologia

ABSTRACT

To investigate the current forms of suffering, as well as the effects of this process on the subjective constitution of adolescents, we first elaborated mainly on the theories of Freud and Aberastury regarding the understanding of adolescence and its implications, such as the pulsional waves related to sexuality and the mourning that arises from this period, briefly traversing childhood and its particularities until the arrival of adolescence. Next, we presented some characteristics of the historical period in which we live and its possible impacts on processes of subjectivation, indicated through the contributions of Guy Debord, Joel Birman, and Christopher Lasch in their critiques of narcissistic culture and the society of the spectacle. The various family configurations present in contemporary society also serve as a backdrop for conflicts and social transformations, as well as a starting point for new modes of subjectivation and



personality construction. These studies are grounded in the perspectives of Freud and Lacan, as well as the decline of paternal function. Lastly, authors caution against the use and abuse of technology as a device for numbing being and feeling, pointing out potential consequences. At the end, we will indicate the continuation of the research.

Keywords: Psychoanalysis; Adolescence; Subjectivity; Contemporaneity; Technology

1 INTRODUÇÃO

A puberdade e adolescência, segundo Freud (2016) e Rappaport (1993), se inicia a partir do crescimento dos caracteres sexuais e outras mudanças físicas. Além dessas características inerentes da adolescência, o luto é outra questão que perpassa esse período. O luto pela perda do corpo infantil, luto pelos pais da criança, que junto dela ficará no passado, e pela identidade infantil, a qual fora construída com os recursos e demandas da época, como crenças, hábitos e cuidados, bem como as consequências decorrentes desses conflitos (Aberastury, 1981).

A adolescência é o momento de reelaboração do Eu e Supereu a partir de novos valores apresentados pelo mundo, para além do ambiente familiar. O medo do que é desconhecido, das responsabilidades da vida adulta e da necessidade de uma escolha profissional são alguns conflitos particulares dessa fase; pensaremos nela a partir das novas formas de subjetivação, de apreensão do mundo e de si mesmo, da contemporaneidade enquanto geradora de angústia, vazio e sofrimento psíquico (Vannucchi, 2019).

Para Arminda Aberastury (2008), é necessário considerar o período sócio-histórico em que o adolescente se encontra, entretanto, não há como deixar de considerar também os processos biológicos próprios desse período, como, por exemplo, os inúmeros hormônios lançados no corpo e a intensa onda libidinal, produto do início da fase genital, conceito esse que será abordado *a posteriori* (Freud, 2016).

Os ditos novos modos de subjetivação tem como exemplo a chamada sociedade do espetáculo e a cultura do narcisismo, que diz que a sociedade contemporânea está investindo cada vez mais na individualidade e na autoimagem, em detrimento das relações sociais e das elaborações psíquicas. Em outras palavras, é como processam

(ou não processam) o que vêem e sentem do mundo e o que acontece a partir das experiências pessoais. Essa tendência elaborativa em declínio tende a contribuir para o esvaziamento subjetivo, tornando-se cada vez mais escassas as representações mentais que se constrói a partir das imagens que vistas, o empobrecimento do repertório linguístico, entre outras coisas.

De acordo com Birman (2016), a psicologia e a psicanálise entendem uma mudança profunda nos modos de subjetivação e/ou mal-estar. Um desses modelos de mal-estar está na constante insatisfação com o corpo e com a imagem, assim como os estresses psicossomáticos gerados pelas insatisfações e pelo desejo de um ideal também fomentado pelas mídias. O contemporâneo e a busca pela perfeição fazem com que as relações sejam cada vez mais voláteis. Na atualidade, os sujeitos buscam sua completude a partir dos bens que adquirem e não mais através das relações com o outro, como na primeira infância. Este fato corrobora com a desumanização dos seres, que faz com que o outro seja um objeto para o gozo do eu contemporâneo, fortalecendo as imagens narcísicas. (Birman, 2016)

A passagem do tempo traz consigo mudanças sociais importantes e, com isso, possíveis consequências. Um exemplo disso são as novas construções familiares e o declínio da figura paterna, termo proposto por Freud (2010) e reafirmado por Lacan (2003), em que apontam os possíveis efeitos do afrouxamento na transmissão de leis e normas sociais na vida dos sujeitos. Essas transformações sociais convidaram Winnicott a pensar no conceito de depravação que crianças e adolescentes enfrentaram em casos de rupturas do ambiente, e que quando há a aquisição da linguagem, pode-se evoluir para uma tendência antissocial. Esses conceitos serão esmiuçados no capítulo “novas configurações familiares”.

Se tratando do momento histórico atual, não é possível falar em contemporaneidade sem pensar em tecnologia, velocidade, diversas ofertas e possibilidades, relações e escolhas frágeis decorrentes desses aspectos supracitados e outros. Segundo Gueller (2017), os avanços tecnológicos têm causado grandes

impactos e consequências sobre as vidas de nossas crianças e adolescentes, tais como ansiedade, anestesiamento das emoções e apatia.

As telas e as mídias contam com imagens e conteúdos prontos para serem consumidos e com pouco espaço para interpretação pessoal, limitando a construção subjetiva, assim como seu fortalecimento. Além de reduzir as habilidades sociais, o pensamento crítico e a capacidade de imaginação, também enfraquece os vínculos e afetos sociais (Gueller, 2017). Portanto, foram expostas maneiras como a contemporaneidade e suas nuances atravessam a adolescência e quais são seus reflexos.

Desta forma, o escopo central da pesquisa é investigar os fatores que contribuem para o aumento do índice de suicídio entre jovens de 10 a 19 anos no Brasil, com um enfoque particular nas dinâmicas de tornar-se adolescente, na influência das redes sociais, das mídias e das novas configurações familiares, principalmente as monoparentais. Portanto, tem-se por objetivo compreender de que modo esses elementos interagem e impactam na saúde mental do adolescente e em sua constituição subjetiva, bem como suas consequências.

A respeito do crescente número de suicídio entre os jovens no Brasil, segundo dados do relatório técnico divulgado pela Fiocruz em parceria com o SUS (Sistema Único de Saúde) em 2024

As taxas de suicídio entre adolescentes (10 a 19 anos) são menores que entre jovens adultos (20 a 29 anos), mas o aumento proporcional foi mais significativo entre adolescentes. Este aumento é refletido na probabilidade de suicídio, que se igualou entre adolescentes e jovens adultos em 2019, e em 2022, os adolescentes passaram a apresentar uma probabilidade 21% maior de suicídio. Alguns fatores sociais e o impacto da pandemia de COVID-19 também influenciam essas tendências. O suicídio, como marcador de adversidade social, reflete rupturas nos contratos sociais e desconexões comunitárias, necessitando de uma abordagem intersetorial para prevenção e promoção da saúde mental. Por fim, destaca que os efeitos da pandemia no suicídio entre jovens ainda não estão completamente claros, sugerindo que o impacto pode se manifestar em médio e longo prazo (Costa, Moreira, Guimarães, 2024, p. 3).

Corroborando o fato, Figueiredo (2018) aponta que houve uma transformação social; de uma sociedade disciplinar marcada pelos controles e conflitos sociais e intrapsíquicos, à ênfase no desempenho; fomos dos deveres, interdições e prescrições severas do “ter de ser”, ao “ter de poder”; foi-se da experiência do conflito entre impulsos e desejos e a exigência do controle, à experiência de insuficiência. Desta forma, este trabalho visa promover uma reflexão sobre os problemas contemporâneos, tais como a análise do eu contemporâneo, da compreensão das queixas de vazio e angústias, que vêm sendo cada vez mais crescentes na vida dos adolescentes e transformando-se em práticas como *cutting*¹, esgotamento de si, depressão e até o suicídio.

2 MÉTODO

Para tanto, foi realizada uma revisão de literatura narrativa (Hohendorff, 2014), selecionando pesquisas publicadas em artigos, livros, teses e dissertações, que versem sobre o tema da adolescência e do contemporâneo, articulados com a teoria psicanalítica. Após este levantamento foi realizada uma análise crítica dos materiais coletados com o intuito de compreender tais questões e problematizar o tema proposto, bem como construir a discussão deste, de maneira qualitativa, exploratória e descritiva. Assim, foi possível organizar os dados de forma argumentativa, como requer um estudo teórico. Foi utilizado, dentre outras, as obras: *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*, de Freud (2016); *Adolescência Normal*, de Arminda Aberastury (2008); *Adolescência: A Crise Necessária*, de Dr. Stéphane Clerget (2004); *Adolescência: Abordagem psicanalítica*, de Clara Regina Rappaport *et al.* (1993); *Solidão, solidão, isolamento Social: Vivências de adolescentes e Entre a “balada” e o convento: Reflexões sobre análise de adolescentes*, ambos de Ana Vannucchi (2019; 2004), *O sujeito na contemporaneidade*, de Joel Birman (2012); *Intoxicações eletrônicas: O sujeito na era das relações virtuais*, de Angela Baptista e Julieta Jerusalisky (2017).

¹ Termo utilizado para nomear a prática de se autolesionar com a intenção de aliviar frustrações. (Couto & Cunha, 2017)

Outrossim, foram utilizados artigos científicos nas plataformas Scielo, BvsPsi, Popsic e dissertações que exploram a contemporaneidade enquanto produtora de novas formas de sofrimentos e demandas clínicas adolescentes, investigamos também a contemporaneidade em si e suas falhas enquanto geradora de subjetividade. O trabalho foi pautado, majoritariamente, em obras psicanalíticas e filosóficas.

3 A ADOLESCÊNCIA: CONFLITOS, LUTOS E POSSIBILIDADES

Antes de iniciar as apresentações sobre a dinâmica adolescente, é necessário voltar algumas casas a fim de contextualizar esse período de desenvolvimento, discutido à luz do referencial psicanalítico. Por isso, apresenta-se o conceito de narcisismo e de duas das classificações do desenvolvimento psicossexual, desenvolvida por Sigmund Freud (2016), em seu livro *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*.

De acordo com Freud (2010), em sua obra *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*, a definição de narcisismo tem a ver com o investimento dirigido ao próprio corpo, ao enamoramento diante da própria imagem. Frente a isso ele desenvolve esse conceito diferenciando-o em suas diversas formas e, por ora, discutiremos apenas o narcisismo primário. Nessa classificação, os investimentos libidinais são conduzidos ao próprio corpo através do autoerotismo, satisfazendo suas pulsões por meio das zonas erógenas proporcionais a elas. A título de exemplo, o bebê acredita que é a sua própria boca que produz a excitação e que ela mesma satisfaz seu prazer por meio do alimento, sem necessidade do objeto externo. Isto é, quando a mãe atende aos desejos e necessidades do bebê, este não consegue fazer a diferenciação entre si e o que é externo, criando-se a percepção onipotente de que basta ele desejar para ter. Para Freud a fase da infância que antecede a formação do eu é qualificada pela ausência de relações de objeto.

Por conseguinte, passada essa fase inicial do narcisismo, o autor cria o conceito de narcisismo secundário, quando o amor passa a ser objetal, ou seja, dirigido ao outro. Esse amor se constrói a partir de identificações. Para Laplanche e Pontalis

(2008, p. 290), "O narcisismo primário designa um estado precoce em que a criança investe toda a sua libido em si mesma. O narcisismo secundário designa um retorno ao ego da libido retirada dos seus investimentos objetais." Então, compreende-se que no estágio do narcisismo primário a criança direciona toda a sua energia libidinal para si mesma, buscando satisfação e prazer através do reconhecimento e da valorização do seu próprio eu. Esse estágio é considerado fundamental para a construção saudável da identidade e do ego, estabelecendo as bases para a capacidade de amar e se relacionar com os outros no futuro. Este narcisismo evolui para o chamado secundário quando o sujeito é capaz de direcionar seu amor e interesse para além de si mesmo, envolvendo o próximo e o mundo externo.

Fez-se necessário explicar sobre o narcisismo para que o leitor compreenda o conceito, quando este for usado posteriormente. Agora, passaremos por uma fase importante que nos ajudará a compreender as intensas ondas pulsionais que surgirão após esse momento. Anterior a puberdade e a adolescência, de acordo com Freud (2016), a criança vive a fase de latência, variando de pessoa para pessoa, entre os seis e dez anos de idade. O período de latência, a priori documentado por Freud, é o momento em que os impulsos sexuais, observados desde o início da vida, passam a ser inibidos, estreitados. Isso ocorre porque durante esse período formam-se os poderes psíquicos. Freud (2016) ainda afirma que na latência ocorre um processo chamado sublimação. A sublimação é a transferência da energia sexual, antes voltada para as zonas erógenas, agora destinada à questões culturais e de aprendizagem. Essa intelectualização, inclusive, será de grande importância para a construção subjetiva do sujeito ao longo de sua vida. Portanto, através da formação reativa, um conhecido mecanismo de defesa defendido por Freud (2016), que, ao identificar os impulsos sexuais como ameaçadores, dão um novo destino a eles, sublimando a libido sexual a novos destinos.

Ainda sobre a latência, segundo Melanie Klein (1981), a criança conta com um ego ainda pouco desenvolvido. As funções de repressão que esse ego desenvolve faz com que o campo imaginativo da criança seja raro ou nulo. Dessa forma, ocorre uma maior

racionalização nesse período, sem espaços para flutuações. Klein (1981, p.96) afirma que “podemos muitas vezes observar como o ego da criança, ainda muito mais débil que o do adulto, se empenha em fortalecer sua posição, colocando todas as energias a serviço das tendências repressivas e agarrando-se a realidade”. Já Winnicott (1958) diz que, durante o período de latência, o desenvolvimento instintivo da criança é interrompido, utilizando de construções passadas como suporte. Também acredita que, nesse período, ocorre a independência egóica, porém com abruptas interrupções do id². Portanto, entende-se que a latência é uma parte fundamental no constructo psíquico dos sujeitos. É a partir dela que a criança reorganiza sua personalidade, se afastando do complexo de Édipo³ e das pulsões sexuais para poder mergulhar em novos saberes.

Explicada a latência, é importante pensar nas crises e conquistas da puberdade e adolescência que, na psicanálise, conhecemos por fase genital. Seu ponto de partida acontece aos onze anos e se prolonga até o resto de sua vida, oscilando o início de pessoa para pessoa. De acordo com Freud (2016) e Rappaport (1993), a principal simbologia para a entrada dessa criança na puberdade é o crescimento dos caracteres sexuais externos. Freud diz que, ao ingressar na puberdade, a criança, que até então contava com o autoerotismo a partir do estímulo de diferentes zonas erógenas, nesse momento, passa a ter o objeto como destino. Ou seja, essas excitações passam a se direcionar a uma outra pessoa, situação ou coisa. Portanto, as pulsões reprimidas na latência voltam com toda sua força, dificultando o trabalho de elaboração daquela mente ainda inconsistente (Freud, 2016).

Winnicott (1960) defende que é importante que o sujeito tenha vivido o complexo de Édipo de forma bem resolvida para que, na adolescência, ele não carregue as falhas dessa experiência. Segundo ele, “o menino e a menina chegam à puberdade

² O conceito de Id, amplamente divulgado pela editora Imago sob esta terminação, é chamado por Isso, segundo o Dicionário de Psicanálise (Roudinesco, 1998, p. 362). Daqui por diante, utilizaremos este termo ao longo de nosso texto.

³ A teoria do Complexo de Édipo, inventada por Freud, “é a representação inconsciente pela qual se exprime o desejo sexual ou amoroso da criança pelo genitor do sexo oposto e sua hostilidade para com o genitor do mesmo sexo”, ainda sobre isso “O Complexo de Édipo aparece entre os 3 e 5 anos.” (Roudinesco, 1998, p. 166)

com todos os seus padrões predeterminados pelas experiências de infância; muita coisa permanece guardada no inconsciente" (Winnicott, 1960, p. 71).

A partir daqui foram apresentados os lutos adolescentes, vigorosamente citados em diversas obras acerca do tema, e nos quais surgem diversos outros conflitos decorrentes. Dentre eles, estão: o luto pelo corpo infantil, pelos ímagos parentais e pela identidade infantil. O luto pelo corpo infantil inicia-se na puberdade, base biológica do período da adolescência. Ela se caracteriza por intensas mudanças físicas que acontecem ligeiramente e são denominadas como modificações secundárias do corpo (Aberastury, 1981): o aparecimento de curvas e crescimento dos seios femininos; nos garotos a voz se modifica e oscila entre o grave e o agudo; em ambos os sexos, se observa o aparecimento de pelos púbicos; o corpo infantil, do qual o adolescente era familiarizado, deixa de existir, criando formas desconhecidas e particulares.

Essas modificações secundárias geram um estranhamento e são, em sua maioria, impactantes para o jovem (Rappaport, 1993). Ainda falando sobre as mudanças corporais, Clerget (2004) diz que esse é o principal período metamórfico da vida, no qual dispõe de grandes mudanças, exceto talvez pelos dois primeiros anos de vida. Essas mudanças se dão em decorrência das bombas hormonais liberadas pelo hipotálamo. Na adolescência, conforme descreve Rappaport (1993), essas mudanças corporais correm o risco de não serem simbolizadas, ou talvez não por completo. Essas modificações podem ser desacreditadas quando, a partir do outro, não há uma qualificação.

Outro luto que o adolescente experencia diz respeito ao lugar dos pais, uma ciranda se dá e a roda gira, o adolescente movimenta-se saindo da infância, mas não deixando de visitá-la. Nesses giros, há um desprendimento da função dos pais, não sendo mais aqueles da infância, mas outros. O desafio importante que o jovem enfrenta é o processo de aceitação de que agora seus pais já não são mais pais de uma criança (Clerget, 2004). Nesse movimento, é preciso oferecer ainda mais autonomia e liberdade, abrindo brechas que possibilitam a entrada de outras pessoas, fontes de referências aos filhos, para que o adolescente desenvolva mecanismos que possibilite se tornar um

adulto emancipado e reconhecido como um sujeito em desenvolvimento e não mais uma extensão de seus genitores. Sobre a função dos pais, podemos entender que:

Muitas das dificuldades por que passam os adolescentes, e que muitas vezes requerem a intervenção de um profissional, derivam das más condições ambientais; este fato apenas serve para enfatizar a vital importância do ambiente e da família para aquela imensa maioria de adolescentes que de fato chega à maturidade adulta (Winnicott, 1960, p. 71).

Nessa ciranda há uma perda de lugares para o ganho de outros, não sem angústias, medos e conflitos. Mas, quando isso se torna possível, o adolescente consegue deixar de falar através dos pais para partir em busca da própria voz (Aberastury, 1981, p.10). A partir também da colocação feita por Winnicott (1960, p. 71), em relação às oscilações do jovem sobre: “independência rebelde e dependência regressiva”, entendemos que, para além do adolescente, a confusão é vivida também por seus pais, que ora precisam promover liberdade e ora compreender a dependência que estes ainda necessitam. Nesse sentido, é comum observarmos ataques direcionados ao jovem em relação a dependência financeira e a permissividade de horário nas saídas diurnas ou noturnas. Os pais, por se sentirem abandonados, usam como forma de chantagem ou punição esse poder que eles ainda possuem sobre a vida do filho (Aberastury, 1981). Isso tende a gerar conflitos familiares e sentimento de solidão no jovem, que se sente abandonado para viver tantos processos.

Apresentado os três lutos principais, foi analisado também o conflito identitário existente nessa fase da vida. No momento da saída da infância, afasta-se também do equilíbrio até então estabelecido (Clerget, 2004) e conquistado na relação com os pais para viver experiências para além destas. Essas novidades experimentadas pelo adolescente interferem nas relações familiares das quais surgem um afastamento necessário entre pais e filhos, que pode ser explicado, dentre outras formas, pelo abandono por parte de ambos. No caso dos filhos, o abandono se faz necessário para o processo de aquisição da independência e, no caso dos pais, o abandono aparece como atuação pelo medo de ser abandonado. Por não se sentirem mais como os

detentores do poder sobre os filhos ou como suas principais referências, vivem uma perda de lugar e, frente a angústia provocada, acabam abandonando-os.

Essa sensação de abandono esclarece as trocas repentinhas de tribos, gostos, grupos e crenças, o que ilustra a instabilidade e os conflitos identitários desse período. Aberastury (1981, p.37) afirma que: “as atuações do grupo e dos seus integrantes representam a oposição às figuras parentais e uma maneira ativa de determinar uma identidade diferente da do meio familiar”. Sua identidade e seu papel infantil, que vêm acompanhados de uma forte dependência de seus pais, precisam ser abdicados para a conquista de novas referências, as quais contribuirão para a construção de sua nova identidade. A respeito dessas novas identificações, Vannuchi (2019, p.5) diz que, ao mesmo tempo em que a construção de novas identificações se faz necessária, “os processos identificatórios necessários para a elaboração do ego, podem trazer o recrudescimento dos aspectos destrutivos e das angústias psicóticas, que aumentam a persecutoriedade, o isolamento e a severidade do super ego”.

Como consequência dessas mudanças, segundo Clerget (2004), o sujeito se torna um desconhecido para ele mesmo e, por ser naturalmente uma fase de fragilização do Ego (Vannucchi, 2019), o adolescente está mais exposto aos riscos de desorganização interna e atuações externas. Essas atuações são reconhecidas nos excessos, na impulsividade e no desinteresse, muitas vezes, pela vida. Essa metamorfose física e hormonal proveniente dessa fase da vida tende a gerar sofrimento e dificuldade em se apropriar deste corpo e dessas mudanças, ou seja, é necessário que haja um Ego suficientemente construído na infância para que o adolescente tenha recursos para simbolizar essas intensas ondas pulsionais. No que diz respeito à construção egóica:

Todos estes elementos fazem parte da construção de uma nova mente, envolvendo especialmente o interjogo entre pulsões de vida e de morte e entre os processos projetivos e introjetivos. Temos as identificações primárias, pré-edípicas e edípicas, bem como todas as outras que vão se sucedendo, cujo precipitado constitui o Eu (Vannucchi, 2019, p. 4).

Diante da revolução adolescente, este ego fragilizado começa a buscar uma nova identidade, em que é comum a oscilação de personalidade. Parafraseando Aberastury (1981), é comum observar diversas mudanças na mesma pessoa, num único dia. Mudanças de vestimenta, de humor, até questões como solidariedade ou a falta dela podem ser observadas. A autora ainda traz o pensamento de um segundo autor a respeito da identidade, apontando que esta é uma construção interna a partir da sensação de identificação que se constrói e se solidifica a partir do outro. (Aberastury, 1981, p. 32 *apud* Sorenson, 1962).

As inseguranças e as dificuldades dessa época são projetadas, muitas vezes, nos corpos. As tentativas ou concretizações de mudanças, sejam elas de emagrecimento ou por desejo de que fossem maiores, mais musculosos, na verdade mascaram a tentativa de controle quando nada se pode controlar. Se despedir de seu corpo infantil é como perder uma segurança, um equilíbrio, mesmo que imaginário. O jovem aprenderá a elaborar essas inseguranças através de sua relação com o outro (Clerget, 2004).

Há diversas formas de se inscrever sobre o corpo, uma delas é a tatuagem e o *piercing* que, nesse momento da vida, podem fazer função importante de permanência frente às impermanências vividas nesse corpo e nesse psiquismo, como uma âncora que te fixa num lugar de infinitas oscilações. Este é um período de intensas instabilidades, incertezas, solidão, oscilação e, por isso, conflitos em suas relações interpessoais e em diversas áreas de sua vida. Em decorrência disso, segundo Aberastury (1981), há dificuldade em separar a adolescência normal de estados patológicos. Por fim, nessa breve apresentação sobre a adolescência, foi apresentado este apanhado de conceitos, a fim de caracterizar a adolescência enquanto etapa recheada de conflitos que, mais do que uma etapa estabilizada, é processo e desenvolvimento (Aberastury, 1998).

4 O CONTEMPORÂNEO

Ao se pensar em contemporaneidade seria possível apontar inúmeros motivos que contribuem para o adoecimento psíquico da nossa sociedade, entretanto, aqui

foram abordados apenas alguns deles, tal como *A Sociedade do Espetáculo* e *A Cultura do Narcisismo*, escritos por Guy Debord (2003) e Christopher Lasch (1983) respectivamente, e problematizados posteriormente por Joel Birman (2007). Sobre esse tema, Birman afirma que o espetáculo e a cultura do narcisismo são fenômenos interligados, que surgiram a partir da sociedade contemporânea, marcada pela valorização exagerada do indivíduo e de sua imagem. Segundo o autor, o narcisismo é uma característica psicológica que se manifesta na busca pela satisfação dos desejos pessoais e pela exaltação do eu, em detrimento do coletivo. Birman, em seu livro *Mal-Estar na Atualidade*, afirma que

A subjetividade construída nos primórdios da modernidade tinha seus eixos constitutivos nas noções de interioridade e reflexão sobre si mesma. Em contrapartida, o que agora está em pauta é uma leitura da subjetividade em que o autocentramento se conjuga de maneira paradoxal com o valor da exterioridade (Birman, 2007, p. 23).

O espetáculo, por sua vez, refere-se à forma como essa cultura narcísica se manifesta na sociedade, por meio da produção constante de imagens e do consumo excessivo de informações e produtos. Segundo o autor, o espetáculo promove uma ilusão de felicidade e de autossuficiência, o que contribui para o fortalecimento do narcisismo. O autor também destaca que o narcisismo está diretamente relacionado à cultura do consumo, uma vez que o indivíduo narcísico busca constantemente objetos e experiências que possam satisfazer seus desejos e reforçar sua imagem diante do outro.

A obra *A cultura do narcisismo*, escrita por Christopher Lasch (1983), nos chama a atenção para a crescente importância que o indivíduo tem ganhado na sociedade moderna. Lasch defende que essa cultura do narcisismo tem raízes tanto na cultura ocidental quanto na chamada sociedade de consumo, e que ela se manifesta de diversas maneiras, como na valorização do individualismo, na obsessão pelo aparente sucesso, na busca incessante por novidades e na falta de comprometimento. O autor também argumenta que essa cultura do narcisismo tem impactos negativos tanto em nível individual quanto em nível coletivo. No nível individual, ela leva a uma busca constante por satisfação pessoal, o que pode resultar em uma vida vazia e

insatisfatória. No nível coletivo, ela enfraquece a coesão social, já que a busca pelo sucesso individual muitas vezes se sobrepõe ao bem-estar da comunidade.

Lasch (1983) explora a perda de autonomia e individualidade numa sociedade massificada. Também sugere que o individualismo narcisista é determinado em grande parte pela implosão da personalidade. A cultura do narcisismo apresenta-se, assim, como uma forma perversa de autoexpansão, em que todos buscam se tornar o centro de seus próprios interesses. De acordo com o autor,

Nos últimos vinte e cinco anos, o paciente fronteiriço, que vai ao psiquiatra não com sintomas bem definidos, mas com insatisfações difusas, tornou-se cada vez mais comum. Ele não sofre de fixações ou fobias debilitantes, ou de conversão de energia sexual reprimida em moléstias nervosas; ao invés, ele se queixa de “insatisfação difusa, vaga, com a vida” e sente que sua “existência amorfa é fútil e sem finalidade”. Ele descreve “sentimentos de vazio sutilmente experimentados, embora penetrantes, e de depressão”, “oscilações violentas da auto-estima” e “uma incapacidade geral de progredir” (Lasch, 1983, p. 61-62).

Além disso, Lasch faz a crítica à cultura *pop*, na qual entende como um dos principais agentes da cultura do narcisismo, ao promover um entretenimento que suprime o pensamento crítico em favor de uma cultura de consumo. Ele argumenta que essa cultura *pop*, que é encontrada em diversos meios, como televisão, cinema, música e literatura, tem um papel importante na difusão das ideias e valores que compõem a cultura do narcisismo. Em meio a essa reflexão sobre a cultura do narcisismo, o autor sugere que é necessário uma mudança de perspectiva, que nos faça voltar os olhos para aquilo que é coletivo e que nos conecta aos outros, como a família, a comunidade ou a tradição. Ao fazer isso ele sugere que se pode reconciliar com uma perspectiva que promova valores como a solidariedade, a cooperação e a responsabilidade mútua.

A obra *A sociedade do espetáculo*, de Guy Debord (2003), é uma tese contemporânea que se distingue por sua avaliação integral da sociedade atual e da cultura de massa. Debord analisa que a sociedade moderna foi reduzida em uma “sociedade do espetáculo”, na qual as imagens e as ilusões cumprem um papel

primordial nos padrões das vidas cotidianas. Em sua obra, o autor explora como os meios de comunicação, as redes sociais e os anúncios *on-line* são responsáveis por fomentar uma cultura de consumo que se sustenta no vazio, e que é incapaz de conceder valor ou propósito para a vida.

Ele argumenta que o constante fluxo de imagens e informações que os cercam faz com que se mantenham tão ocupados e distraídos ao ponto de nunca terem tempo para refletir sobre a verdadeira natureza do mundo em que se vive. Assim, de acordo com Debord (2003, p. 45): “em parte alguma existe o adulto senhor da sua vida, e a juventude, a mudança do que existe, não é de modo nenhum propriedade destes homens, que são agora jovens, mas do sistema econômico, o dinamismo do capitalismo”.

Além disso, Debord acredita que a sociedade do espetáculo é uma forma de dominação opressiva, na medida em que as pessoas são levadas a acreditar que o consumo é a única forma de realização pessoal. Ao mesmo tempo, ele argumenta que a cultura de massa é uma forma de alienação, de modo que as pessoas se tornam cada vez mais isoladas em suas próprias experiências individuais, sem uma compreensão verdadeira dos problemas e desafios enfrentados por outros membros da sociedade.

Em suma, *A sociedade do espetáculo* é uma obra importante e provocadora que encoraja a refletir sobre as forças culturais que nos cercam e a considerar as maneiras pelas quais pode-se resistir a elas. Debord alerta sobre a necessidade de tomar consciência da dominação e da alienação que a cultura de massa produz, e nos incentiva a buscar uma vida mais rica em experiências que nos tragam significado e propósito.

Desta forma, o espetáculo e a cultura do narcisismo contribuem para uma sociedade cada vez mais individualista e superficial, onde as pessoas buscam constantemente a aprovação externa e o reconhecimento social em desfavor do autoconhecimento e da busca por valores mais profundos e significativos. É importante refletir sobre o impacto dessa cultura e de que forma isso contribui para o adoecimento psíquico da nossa sociedade contemporânea, principalmente nas crianças e adolescentes.

5 NOVAS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES

O caminho trilhado por Lacan (2003) no que diz respeito ao declínio da função paterna é feito de muitas nuances. Entretanto, é preciso perpassar brevemente por Freud, já que este foi o primeiro a se ocupar em falar do papel do pai. Essa preocupação com a posição paterna se inicia em Freud quando, a partir de suas observações sobre a sociedade Vienense da época, nota-se que a mulher passa a ocupar cada vez mais um lugar na sociedade moderna. A partir disso, surge uma preocupação em relação ao afrouxamento da autoridade, antes exercida pelo pai (Roudinesco, 2003). Freud (2021) faz uma reflexão sobre a busca por um Deus Pai que nos guie, como resultado dessas mudanças sociais e frente ao desamparo por uma figura de autoridade. Sobre isso, o autor defende que

Quanto às necessidades religiosas, parece-me irrefutável a sua derivação do desamparo infantil e da nostalgia do pai despertada por ele, tanto mais que esse sentimento não se prolonga simplesmente desde a época infantil, mas é duradouramente conservado ante o superior poder do destino. Eu não saberia indicar uma necessidade vinda da infância que seja tão forte quanto a de proteção paterna (Freud, 2021, p. 25).

Ao falar sobre o assunto, Freud utiliza de diversas metáforas para compreendermos a relação pai-religião-lei. Uma delas, e talvez a mais conhecida, é a do Complexo de Édipo. Segundo Azevedo (2008), é no livro *A Interpretação dos Sonhos* que o autor fez, pela primeira vez, alusão ao Mito de Édipo com os conteúdos trazidos por seus pacientes em seus atendimentos, e como presente em seus próprios sonhos. Sobre o Mito:

Qual é a função de Laio, pai de Édipo, na tragédia grega? Laio dá vida e morte a Édipo, pois possibilita seu nascimento como ser e como rei, ao mesmo tempo em que condena Édipo a seu martírio eterno, quando ao morrer permite que o filho se case com sua mãe. Laio então falha na missão que todo pai tem perante seu filho, a de Lei, que interdita e proíbe as relações incestuosas entre mães e filhos. Eis aqui em Freud as indicações para a função paterna (Azevedo, 2008, p. 51).

Freud, a partir de sua autoanálise, utilizou essa metáfora para representar a triangulação composta por mãe, pai e bebê. Para ele, “todo menino possui uma paixão

ardorosa pela mãe e um ciúme repleto de sentimentos ambivalentes de amor e ódio em relação ao pai" (Azevedo, 2008, p. 50) e vice-versa. Nesse sentido, a entrada na cultura e no social se dá pela separação mãe-bebê, a partir da entrada do pai. Para Freud, essa separação é também conhecida como castração. É também através da castração que o pai apresenta a Lei. De acordo com Azevedo (2008, p. 52), "O pai, nesse momento da teoria freudiana, ganha o estatuto de lei e é devido a isso que permitirá a seus filhos se constituírem enquanto ser de desejo".

É importante frisar que Freud, ao considerar esse único modelo familiar heteronormativo como família para pensar o complexo de Édipo, representava os modelos familiares do fim do século XIX e início do século XX. Entretanto, sabe-se que ao longo dos anos as estruturas familiares têm sofrido diversas modificações, acompanhando as transformações sociais que ocorrem na contemporaneidade. Dentre essas alterações, foi aprofundado aqui no chamado declínio da paternidade por Lacan (2003) em seu livro *Outros Escritos* que, cada vez mais se torna presente dentro do âmbito familiar.

Essa tendência pode ser resultado de diversas dinâmicas, que vão desde mudanças nos valores sociais, nos papéis de gênero até o aumento da presença feminina no mercado de trabalho e sua independência financeira. É importante salientar aqui que a figura materna e a figura paterna são representações de uma função, e não são exercidas necessariamente pela mãe e pelo pai. Nesse sentido, o autor ressalta que "as instâncias culturais dominam as naturais, a ponto de não podermos considerar paradoxais os casos em que, como na adoção, umas substituem as outras" (Lacan, 2003, p. 30).

Para Jacques Lacan (2003), a formação do indivíduo é profundamente influenciada pelos complexos familiares que ele vivencia ao longo de sua vida. Segundo o psicanalista francês, a relação entre o sujeito e sua família é uma das principais fontes de sua identidade psíquica e emocional. Lacan defende que os membros da família desempenham papéis específicos na formação do eu do sujeito. Por exemplo, ele argumenta que a relação entre a mãe e o filho durante os primeiros anos de vida é particularmente importante. Essa relação é responsável por moldar a personalidade, a autoestima e a autoimagem da pessoa. Para o autor,

Entre todos os grupos humanos, a família desempenha um papel primordial na transmissão da cultura. Embora as tradições espirituais, a manutenção dos ritos e costumes, a conservação das técnicas e do patrimônio sejam com ela disputados por outros grupos sociais, a família prevalece na educação precoce, na repressão dos instintos e na aquisição da língua, legitimamente chamada materna (Lacan, 2003, p. 30).

Além disso, Lacan também enfatiza a importância do complexo de Édipo na formação do indivíduo. De acordo com essa teoria, o desenvolvimento da sexualidade infantil é influenciado pelos desejos e fantasias em relação aos pais. O complexo de Édipo ocorre quando a criança deseja ser a única fonte de amor e atenção de seus pais, mas enfrenta obstáculos em seus desejos devido à presença da outra figura. O autor também acredita que esse processo é parte fundamental do processo de individuação, pois permite ao indivíduo reconhecer sua própria identidade separada e única. No entanto,

Depois de Lacan, aprendemos que o complexo de Édipo não explica a origem da castração. A falta de gozo é menos o efeito da proibição que o pai nos impõe, do que uma consequência direta da estrutura de linguagem. A falta de gozo não é a consequência da restrição imposta à sexualidade pelos ideais paternos e sim a consequência de que a pulsão tem relações de estrutura simultâneas com o simbólico e o real (Santos, 2001, p. 115).

Em resumo, para Lacan, os complexos familiares têm um papel fundamental na formação de identidade e do eu do sujeito. A valorização da função paterna, nesse sentido, comprehende que é a partir da castração feita por quem exerce esta função, ou seja, a apresentação do mundo e da cultura à criança, que esta poderá experimentar a possibilidade de simbolização.

Lacan (2003) também argumenta que a transmissão de lei dentro da família é crucial para a formação do indivíduo, além de considerar necessário estabelecer uma hierarquia familiar. Através dessa transmissão, a criança comprehende também as normas e valores da sociedade em que vive, além de adquirir um entendimento do mundo em que está inserida. No entanto, Lacan observa um declínio na figura paterna na sociedade contemporânea. Isso pode ocorrer por uma série de fatores,

incluindo mudanças nas relações de poder entre homens e mulheres, bem como uma crescente ênfase na individualidade e na autonomia.

Como resultado desse declínio, o autor argumenta que muitas crianças estão crescendo sem o tipo de orientação e apoio que anteriormente teriam recebido do pai, ou de quem exerce essa função. Isso pode levar a uma falta de limites e direções claras, resultando em dificuldades em se ajustar às expectativas sociais e estabelecimento de relacionamentos saudáveis com os outros. Portanto, o autor acredita ser vital que, como sociedade, se preste mais atenção à importância da figura paterna e da transmissão de leis e normas também dentro dos núcleos familiares. Isso pode envolver o reconhecimento, valorização e importância da promoção da função paterna como papel fundamental na formação de nossas crianças e adolescentes.

Os efeitos emocionais e de conduta em crianças e adolescentes que passaram por situações traumáticas são muitos, e Donald W. Winnicott pensou no conceito de deprivação para explicar situações como esta. O autor vai dizer que deprivação (palavra que deriva do inglês e que se refere a carência) “supõe a experiência de sustentação ambiental, e uma perda posterior, gerando a percepção de ser roubado ou agredido pela falha do ambiente” (2021, p. 108), ou seja, é como se toda ordem e segurança estabelecida antes da situação traumática fosse ameaçada.

Da deprivação pode-se derivar a tendência antissocial, e essa derivação acontece porque essa falha ocorre num momento em que já se é possível compreender por parte da criança ou adolescente o que acontece no ambiente. Winnicott comprehende que o estado antissocial é como um pedido de ajuda, uma tentativa do jovem de retornar ao momento em que ocorre a deprivação. Esse conceito dividiu-se em dois tempos: um para pensar na deprivação da relação mãe-bebê e outro, que ocorre posteriormente, na relação com o pai (ou quem exerce a função).

O psicanalista inglês relaciona o papel do pai com uma possível elaboração da própria agressividade da criança nos casos em que “tudo ocorre bem”, ou seja, a

criança percebe que sua destrutividade não ameaça a integridade do objeto amado ou do ambiente, a respeito disso,

A confiança da mãe em seu marido – ou no apoio que vai conseguir, caso solicite, da sociedade local, talvez o apoio de um policial – cria a possibilidade de a criança explorar, em estado bruto, atividades destrutivas que se relacionam ao movimento em geral, e mais especificamente à destruição relacionada à fantasia que se acumula em torno do ódio. Desse modo [...], ela se torna capaz de fazer uma coisa muito complexa, ou seja, de integrar seus impulsos destrutivos com os amorosos (Winnicott, 2021, p. 110).

Em casos de separação o autor vai dizer que a criança passa a se identificar com o adulto ao invés de se haver com o seu *self* imaturo infantil e passa a buscar condições de reaver a segurança perdida de forma inconsciente. É como se a criança se sentisse ansiosa o bastante para experimentar viver nesse novo estado familiar sendo quem é. Essa tentativa de reaver a segurança e encontrar alguma continência por parte dos adultos pode aparecer inicialmente em forma de enurese noturna, transtornos alimentares, hiperatividade, podendo evoluir para roubo, surto de agressividade, mentiras e outros quando não há uma intervenção no momento em que acontece. Importante dizer que nem sempre essas situações ocorrem em situações semelhantes ao instante em que ocorreu a deprivação.

Quando ocorre uma deprivação, em termos de rompimento do lar, especialmente se isso ocorrer na separação dos pais, uma coisa muito séria afeta a organização mental da criança. De repente suas idéias e seus impulsos agressivos tornam-se inseguros. Acredito que, nesse momento, a criança imediatamente assume o controle que acabou de ser perdido e identifica-se com a nova estrutura familiar. Resultado: perde a própria impulsividade e espontaneidade (Winnicott, 2021, p. 111).

Essas evoluções das tendências antissociais aparecem não só como um pedido de ajuda aos pais ou a sociedade, mas também pela busca de limite e solidez que preserve seu desenvolvimento. Ou seja, a tendência antissocial é também um sopro de esperança visto que nesse estágio há um pedido de ajuda latente. No entanto, apenas é possível encontrar continência quando a criança está diante de uma mãe suficientemente boa ou

de um ambiente suficientemente bom, capazes de oferecer estabilidade e uma direção possível a essa agressividade que escapa (Londero & Souza, 2016).

6 A TECNOLOGIA E SEUS EFEITOS

O afastamento social decorrente do abuso dos eletrônicos é um fenômeno que tem se tornado cada vez mais evidente na sociedade contemporânea. Com o avanço da tecnologia e a proliferação de dispositivos eletrônicos, como smartphones, tablets e computadores, as interações humanas vêm sendo impactadas de diversas maneiras. Embora essas ferramentas tenham trazido inúmeras vantagens para a comunicação e acesso à informação, também há preocupações crescentes sobre os efeitos negativos que o seu uso excessivo pode ter sobre as relações interpessoais e a saúde mental, podendo limitar as oportunidades de desenvolver habilidades sociais interpessoais. A comunicação online pode ser diferente da comunicação presencial, o que pode dificultar a construção de relacionamentos duradouros no mundo real.

De acordo com Levy e Monteiro (2019), nesse novo contexto, crianças e adolescentes começam a existir em dois ambientes distintos: o mundo que é familiar a todos, ou seja, o mundo físico, e o mundo digital ou virtual, que muitas vezes se apresenta como mais atrativo e intrigante devido as aventuras que oferece, as oportunidades disponíveis e a busca pela independência.

A tecnologia tem desempenhado um papel cada vez mais importante na vida desses jovens, oferecendo oportunidades de aprendizado, comunicação e entretenimento. No entanto, também está associada a uma série de impactos na saúde mental desses grupos. Dessa forma, é importante observar que os impactos podem variar a depender do tipo de tecnologia, do conteúdo consumido e da maneira como é utilizada. Um dos principais problemas associados ao abuso dos eletrônicos é a tendência das pessoas de se isolarem em seu próprio mundo digital, em detrimento das conexões face a face, o que pode levar a uma diminuição das interações sociais presenciais, resultando em sentimentos de solidão, isolamento e desconexão emocional (Levy; Monteiro, 2019).

Além disso, o uso excessivo de eletrônicos também pode contribuir para a deterioração das habilidades de comunicação interpessoal, uma vez que a comunicação online muitas vezes envolve a escrita de mensagens curtas e diretas, levando a uma perda das nuances da comunicação verbal, de expressões faciais, linguagem corporal e tom de voz, o que acarreta dificuldades para interpretar e expressar emoções.

[...] é repetir feito um autômato e a produção de linguagem é realizada através da ecolalia, de falar de si em terceira pessoa, da parasitação de ruidinhos eletrônicos que reproduzem sem se dar conta e pela repetição de enunciados em um apagamento do sujeito da enunciação. Outro fato são bebês e crianças de um ano e meio a três anos que chegam ao consultório com suspeita de autismo, por não responderem quando chamados ou por não estarem em busca dos outros. Ou observa-se crianças que falam de youtubers como se estivessem falando de amigos, sem que haja nisso nenhuma reciprocidade, essas crianças conhecem os detalhes íntimos da vida desses youtubers, porém desconhecem a vida daqueles que lhe são mais próximos [...] o ser humano da atualidade é um ser exaurido pela compulsão em viver mais e mais da Era Digital; além disso, houve uma mudança na relação tempo-espacó de nossas vivências e no modo como representamos o que nos acontece, assim como ocorreu uma descontinuidade nos modos de estabelecer o laço social e nas formas discursivas de sustentar subjetivamente as experiências (Jerusalinsky, 2017 *apud* Lev; Monteiro, 2019, p. 60).

Outra preocupação está relacionada aos impactos na saúde mental. A neurociência vai dizer que o uso excessivo de eletrônicos, especialmente nas redes sociais, tem sido associado ao aumento dos níveis de ansiedade, depressão e baixa autoestima. Diante das vidas aparentemente perfeitas retratadas nas mídias, começam a surgir sentimentos de inadequação e insatisfação com a própria vida, promovendo uma cultura de comparação constante, em que crianças e adolescentes comparam suas vidas, aparências e realizações com o que está por trás das telas (Gebara, 2023).

Além disso, há uma alteração qualitativa no que significa ser humano, quais são as disposições desses indivíduos com a vida em si. A juventude que está crescendo e utilizando a tecnologia diariamente para auxiliar nesse processo acaba por fazer com que haja índices enormes e crescentes dessas patologias, isolando os indivíduos de uma vivência e experiências reais, cada vez mais com doenças que dissociam o ser do todo, o sujeito da comunidade, o real e o artificial (Gebara, 2023, p. 50).

De acordo com Barbosa *et al.* (2013), nas plataformas de mídia social, a exposição dos aspectos mais comuns e simples da vida se materializa por meio de álbuns de fotos cotidianas de si mesmo e de pessoas próximas, capturas instantâneas de celebrações e viagens, frases feitas, piadas triviais e até imagens de refeições, criando uma ilusão de autenticidade, reconhecimento e conexão. Essas ações passam a fazer parte de um novo conjunto de ideias influentes, que moldam a experiência da vida coletiva.

[...] nos momentos de indefinições, de grandes e rápidas mudanças o sujeito esboça um movimento regressivo, um movimento narcísico direcionado a si próprio, ou seja, o eu deste sujeito se comporta como objeto de seu próprio investimento o qual se caracterizaria por uma idealização de si, uma forma de se sentir pleno. Pensamos que o destino do sujeito hoje, em nossa sociedade, seria uma volta a si marcada pelo retorno à constituição da perfeição narcísica e a proteção e satisfação da vivência simbiótica com o objeto primordial alojado dentro de si (Lazzarini; Viana, 2010, p. 270).

O afastamento social decorrente do abuso dos eletrônicos é uma preocupação contemporânea legítima. Embora os eletrônicos tenham revolucionado a forma como as pessoas se comunicam e acessam informações, é essencial encontrar um equilíbrio saudável para que seja possível manter conexões interpessoais significativas e preservar a saúde mental em um mundo cada vez mais digital. Segundo Barbosa *et al.* (2013, p. 64), “essas práticas passam a compor um novo imaginário determinante do viver coletivo. Paradoxalmente, revelam o abismo intransponível entre o que se sente e o que as palavras e as imagens são capazes de representar”.

Do mesmo modo, a busca de testemunhas de cada momento vivido, de sentimentos e sensações, cada vez mais frequente e importante para o indivíduo contemporâneo, revela a fragilidade do sentimento de existência e de realidade das próprias experiências. Procura-se um significado coletivo na ausência de um sentido individual para o sofrimento. Não obstante, a angústia do encontro consigo e com o outro, pode ser momentaneamente evitada, camuflada, distorcida, mas não inexistente (Barbosa *et al.*, 2013, p. 64).

A influência da mídia na insatisfação pessoal de crianças e adolescentes é um tema complexo e relevante, pois a mídia desempenha um papel significativo na formação das percepções, atitudes e comportamentos desses grupos.

Como assinala Jerusalinsky (2017), após estabelecida a relação da mãe com o bebê, é importante que, gradualmente, ela disponibilize a ele determinados objetos que irão representar a relação do bebê com o Outro, objetos estes que irão resultar, posteriormente, no objeto transicional apontado por Winnicott. Desta forma, o que acontece no momento contemporâneo é que, com a praticidade da vida tecnológica, na tentativa dos cuidadores de suprir determinadas necessidades da criança, com frequência os objetos referidos anteriormente acabam se tornando celulares, TVs, tablets, dentre outras formas de telas e conexões com a tecnologia. Neste sentido,

[...] não é raro que as crianças tenham dificuldade para dormir depois de ter ficado ligadas horas a fio. A distração com os joguinhos eletrônicos é instantânea e estimulante e deixa as crianças em estado de excitação, sem oferecer vias de processamento. Não é preciso pensar, muito menos falar ou contar uma história, nem se encontrar com os fantasmas que aparecem no escuro da noite. E se, por qualquer motivo, a telinha falta, vemos as crianças num estado que lembra a abstinência. "Mãe, o que eu faço agora? Estou entediado", dizem. O tédio, aliás, é uma das manifestações da angústia ante um tempo vazio. E o brincar e, mais tarde, o fantasiar possibilitam recobri-lo com engenhocas e invenções criadas pela imaginação, mas essas construções requerem um tempo e um espaço que não sejam imediatamente preenchidos. Essas atividades psíquicas dependem exclusivamente da subjetividade da criança: ela precisa dar forma a seus sonhos e anseios singulares. É no encontro com o vazio que criamos mundos de ficção, levantamos castelos no ar e reinos que não existem nem existirão. Neles podemos experimentar e ter o poder de personificar ser rei ou soldado. Brincando do "eu era", a criança preserva o "eu sou" (Gueller *et al.*, 2017, p. 67).

Portanto, é crucial levar em conta os novos desafios que afetam a saúde tanto física quanto mental da geração que cresceu na era digital. Estes desafios muitas vezes surgem devido ao excesso de tempo gasto na internet, resultando em uma gama de problemas, que, além daqueles mencionados anteriormente, também incluem outras características, que vão desde angústia até queda no desempenho escolar, falta de atividade física, obesidade infantil e distúrbios do sono, além de outros distúrbios graves, apresentando até mesmo características relacionadas ao autismo (Levy; Monteiro, 2019). Desta forma, as autoras defendem que

[...] a criança, quando entra em contato com a realidade virtual que, frequentemente, apresenta uma felicidade exagerada e possibilidades infinitas, cria uma referência irreal. E por ainda não conseguir discernir realidade de fantasia, desejará alcançá-la. Dessa forma, a criança se depararia de uma forma mais angustiada com o desamparo, uma vez que acreditaria serem reais a facilidade e as possibilidades que a internet oferece (Levy; Monteiro, 2019, p. 62).

Diante das diversas maneiras de agir nos dias atuais, de se expressar e se expor, de estabelecer relacionamentos, as diferentes formas de identificação e de preservação da memória, bem como uma gama de normas de comportamento e ideais disponíveis, estão gerando novas representações do *self*, novas interpretações do ser e novas perspectivas de vida. Paralelamente, observa-se uma transformação nas causas do sofrimento mental, na frequência e até mesmo no surgimento de novos sintomas, que variam de uma cultura para outra e de uma época histórica para outra (Barbosa *et al.*, 2013).

Nesta condição, o sujeito vê ameaçado seu projeto de vida pela impossibilidade de poder vivenciar plenamente suas experiências. A subjetivação na pós-modernidade poderia se definir por uma disjunção na qual entra em cena uma espécie de incapacidade de enfrentamento das instâncias públicas, fazendo com que o sujeito encontre mais espaço em seu mundo interiorizado (Lazzarini; Viana, 2010, p. 271).

As formas atuais de adoecimento psíquico indicam que tais transformações estão ampliando a fragilidade dos limites da subjetividade dos sujeitos, resultando em uma situação de crise naquilo que tem sido, ao longo de muitos anos, um elemento essencial na formação do (ser) humano: a vivência do mundo interior (Ehrenberg, 1998 *apud* Barbosa *et al.*, 2013).

Para combater os efeitos negativos do abuso de eletrônicos, é importante que os cuidadores estabeleçam práticas saudáveis de uso. Isso inclui a definição de limites de tempo para o uso de dispositivos, praticar o desligamento digital em determinados momentos do dia, promover interações sociais reais e cultivar hobbies e atividades que não envolvam eletrônicos. Além disso, é crucial conscientizar sobre os impactos negativos do uso excessivo de eletrônicos, especialmente entre os mais jovens, para

que possam desenvolver habilidades de comunicação interpessoal e equilíbrio entre a vida *online* e *offline*. Promover um equilíbrio saudável entre o uso de dispositivos eletrônicos, atividades ao ar livre, interações sociais face a face é fundamental para minimizar os efeitos nocivos da tecnologia.

Não obstante, adere-se a ideia de que as mídias sociais e plataformas digitais possibilitaram a criação de identidades *online*, que muitas vezes diferem das identidades *offline*, o que pode ocasionar problemas em relação a autenticidade, autopromoção e ansiedade devido a comparações constantes. Neste sentido, a psicanálise pode ajudar a compreender como essas identidades digitais se relacionam com a construção da identidade do sujeito, explorando como essa dinâmica influencia a maneira como crianças e adolescentes se relacionam, ajudando a visualizar os motivos subjacentes a tais comportamentos.

Portanto, pode-se dizer que a subjetividade, ao ser relegada, acaba se transformando em mero objeto nesse processo de consumo. A subjetividade “precisa da narratividade que só outro falante engajado pode emitir. E a máquina não consegue falar no condicional, não sabe inventar ficções, não conjuga no futuro anterior do ‘era-se uma vez’” (Gueller *et al.*, 2017, p. 69-70). Deste modo, entende-se que há a evidente necessidade de encontrar maneiras para que não sejam esquecidos o cuidado, o amor e o respeito, essenciais ao convívio social, recursos esses que as telas e os aparelhos não são capazes de proporcionar.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É evidente que as causas do sofrimento na adolescência são muitas, nesse sentido a psicanálise atua como uma investigação voltada para a gênese do sofrimento que é sempre particular de cada um. Diante do que foi dito é notável que a adolescência desperta efeitos em quem a vive que são inerentes deste período. Conta com intensos conflitos internos e externos, decisões, transgressões, e cada sujeito sentirá de uma forma única as repercussões deste evento. Quando

o adolescente percebe o apontamento de sua sexualidade, seja através das mudanças corporais, das chamadas secreções, ou até mesmo da excitação nos caracteres sexuais, muitos conflitos podem surgir a partir daí.

Além dos enfrentamentos subjetivos que essas mudanças demandam, o adolescente encara ainda uma alteração nas relações no ambiente familiar (muitas vezes partindo da própria mudança do adolescente), recheada de conflitos, afastamento, incompreensões, que acabam por corroborar ainda mais com as dificuldades enfrentadas. Por isso, o adolescente, por vezes, opta em passar mais tempo nas ruas ao invés de seus ambientes familiares, o que aumenta o sentimento de vazio e abandono e faz com que ele invista em relações voláteis e inseguras. Entretanto, compreendemos que a crise decorrente dessa fase da vida é fundamental para a formação dos sujeitos, para a elaboração dos conflitos e reestruturação do eu.

Somado a esses conflitos, e não menos importante, nos deparamos também com o quanto o nosso contemporâneo faz expandir essas angústias e sentimentos ambivalentes. Como vimos no capítulo *Contemporaneidade*, Debord (2003) e Lash (1983) criam dois conceitos importantes para compreender a sociedade atual, posteriormente reforçados e problematizados por Birman (2007). Neles, os autores destacam o narcisismo como o principal modo de funcionamento operante nos dias atuais. Isso gera um autocentramento do sujeito nas relações e no social, levando a uma recusa sobre as mais diversas formas de constituição e de ser no mundo.

A preocupação volta-se à imagem que vendem ao mundo, muitas vezes sustentadas por inverdades e ilusões sobre si mesmos, o que gera, então, uma busca incessante e adoecedora para se manter nesse lugar. Portanto, observamos o individualismo cada vez mais presente nas relações, enquanto a noção de coletivo se esvai e coloca o outro apenas como um caminho para a satisfação dos próprios desejos.

Também pudemos perceber o quanto o âmbito familiar causa impacto na nossa constituição enquanto sujeitos. O chamado *declínio da função paterna* criado por Lacan (2003) e, posteriormente abordado por outros autores, vai nos alertar sobre

a importância que essa representação tem em nossas vidas. É a partir dessa figura que nos tornamos seres sociáveis e culturais, e que também compreendemos as normas e as bordas das nossas sociedades. E, por fim, esse seja talvez um dos motivos pelos quais temos certa dificuldade em aceitar e compreender a alteridade, visto que esse declínio se mostra cada vez mais presente nas formações familiares.

Ainda sobre o contexto familiar, Winnicott (2021) se ocupou a pensar na delinquência como produto de relações mecânicas ou traumáticas, quando não há uma conexão terna entre seus entes. O bebê e a criança, por sua vez, sentem o ambiente inseguro e em resposta a ele emitem um “pedido de socorro” das mais variadas formas. O autor então nos convida a suspender a moralidade para compreender esse fenômeno em seu âmago, e preenche de esperança ao dizer que a delinquência, na maioria das vezes, surge como um pedido de socorro. No entanto, a família e a sociedade precisam estar atentas a isso para que os investimentos a esses jovens ocorram a tempo.

Além disso, há outro importante fator que colabora com o esvaziamento dos sujeitos: a chamada tecnologia. A respeito das aberturas e possibilidades positivas que esse meio nos oferece, nós já temos conhecimento. Aqui pudemos entender, então, o quanto a tecnologia também pode ser nociva no âmbito subjetivo. As telas oferecem a possibilidade de tamponar as mais diversas emoções, evitando que entremos em contato com angústias, medos e reflexões que julgamos tão importantes para nossa formação. Quando estamos diante das telas, a depender do que consumimos, não precisamos pensar ou refletir sobre nós ou sobre o mundo, isso gera um anestesiamento e tamponamento dos sofrimentos e das faltas.

A internet e as redes sociais são mais um mecanismo que auxilia a *sociedade do espetáculo* e a *cultura do narcisismo* a sustentarem seus pilares. Quando estamos em nossos perfis pessoais podemos criar as mais diversas ficções sobre quem somos e como vivemos, sem que haja conexão com a realidade. Raramente encontramos pessoas que mostrem o lado real da vida, e isso acaba por contribuir com as comparações e com o sentimento de inferioridade, já que todos têm uma vida “perfeita”, exceto quem assiste do outro lado da tela.

Isso tudo acaba se tornando produto para as reflexões clínicas e teóricas acerca dos novos sintomas e modos de sofrer, já que se revelam de forma devastadora quando em casos de automutilação, do desejo de ceifar a própria vida e do isolamento social. Logo, é necessário um aprofundamento e afunilamento nos fatores importantes para a compreensão desse fenômeno, já que as consequências disso vêm surgindo das mais diversas formas na vida dos nossos jovens.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. São Paulo: Artmed, 2008.
- AZEVEDO, J. M. **A função paterna nas configurações familiares atuais**. 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Curso de Psicologia, Universidade Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- BARBOSA, A. M. F. C.; FURTADO, A. M.; FRANCO, A. L. M.; BERINO, C. G. S.; PEREIRA, C. R.; ARREGUY, M. E.; BARROS, M. J. **As novas tecnologias de comunicação**: questões para a clínica psicanalítica. 29. ed. Rio de Janeiro: Cadernos de Psicanálise, 2013.
- BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade**: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- BIRMAN, J. **O sujeito na contemporaneidade**: espaço, dor e desalento na atualidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- COUTINHO, L. G. **O adolescente e a educação no contemporâneo**: o que a psicanálise tem a dizer. 33. ed. Rio de Janeiro: Cadernos de Psicanálise, 2015.
- COUTO, D. L.; CUNHA, L. S. P. Marcas na pele: a autolesão sob a ótica da Gestalt-terapia. **Revista IGT na Rede**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 27, p. 233-259, 2017.
- CLERGET, Dr. S. **Adolescência**: a crise necessária. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. São Paulo: Coletivo Periferia, 2003.
- DIAS, E. O. **A teoria Winnicottiana do amadurecimento como guia da prática clínica**. São Paulo: Natureza Humana, 2008.
- FIGUEIREDO, L.C. Trauma e dissociação na “contemporaneidade”: de volta ao assunto vinte anos depois. **Cadernos de psicanálise**, Rio de Janeiro, . vol. 40, n. 39, p. 91-108, 2018.
- FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“o caso Dora”) e outros textos**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GEBARA, T. P. **A aceleração tecnológica e os efeitos sociais, psíquicos e patológicos na juventude:** uma análise interdisciplinar entre a sociologia de Hartmut Rosa, a psicologia de Jean Marie Twenge e a neurociência de Manfred Spitzer. Araraquara: UNESP, 2023.

GUELLER, A. S. Drogas de celular!: reflexões psicanalíticas sobre o uso de eletrônicos. In: BAPTISTA, A.; JERUSALINSKY, J. **Intoxicações Eletrônicas:** o sujeito na era das relações virtuais. Salvador: Álgama, 2017, p. 63-77.

GUIMARÃES, R. M.; MOREIRA, M. R.; COSTA, N. do R. (Orgs.). **Adolescência e suicídio:** um problema de saúde pública. Rio de Janeiro: Fiocruz, SUS, 2024. 24 p. (Relatório Técnico, v. 1)

HOHENDORFF, J. V. Como escrever um artigo de revisão de literatura. In: KOLLER, S. H.; COUTO, M. C. P.; HOHENDORFF, J. V. **Manual de produção científica.** Porto Alegre: Grupo A, 2014.

JERUSALINSKY, J. As crianças entre os laços familiares e as janelas virtuais. In: BAPTISTA, Angela; JERUSALINSKY, Julieta. **Intoxicações Eletrônicas:** O sujeito na era das relações virtuais. Salvador: Álgama, 2017, p. 39-55.

KLEIN, M. **Psicanálise da Criança.** 3. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

LACAN, J. **Outros Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

LASCH, C. **A Cultura do Narcisismo:** a vida americana numa era de esperança em declínio. Rio de Janeiro: Ímago, 1983.

LAZZARINI, E. R.; VIANA, T. C. **Ressonâncias do narcisismo na clínica psicanalítica contemporânea.** 2. ed. Lisboa: Análise Psicológica, 2010.

LEVY, E. S.; MONTEIRO, L. F. **Internet e psicanálise:** considerações sobre seus efeitos na forma de subjetivação da criança. 52. ed. Belo Horizonte: Estudos de Psicanálise, 2019.

LONDERO, A. D., & SOUZA, A. P. R. D. Prevenção e intervenção em casos de tendência antisocial em uma perspectiva winnicottiana: alterações de linguagem como sintoma inicial da depravação ambiental. *Revista CEFAC*, Campinas, v. 18, p. 544-554, 2016

LUSTOZA, R. Z.; CARDOSO, M. J. D.; CALAZANS, R. **“Novos sintomas” e declínio da função paterna:** um exame crítico da função. Rio de Janeiro: Ágora, 2014.

RAPPAPORT, C. R.; RUFFINO, R.; GOLDENBERG, R.; PENNACHI, R. F. S.; HASSAN, S. E.; GURFINKEL, A. E. C.; GURFINKEL, D. **Adolescência:** abordagem psicanalítica. São Paulo: EPU, 1993.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SANTOS, T. C. A angústia e o sintoma na clínica psicanalítica. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 4(1), p. 106-124, 2001.

VANNUCCHI, A.M.S. Entre a “balada” e o convento: reflexões sobre análise de adolescentes. *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol. 38(2), p. 271-284, 2004.

VANNUCCHI, A.M.S. Solidão, solitude, isolamento social: vivências de adolescentes. In: SANTOS, Walkiria. **Fronteiras do Des-amparo e as vicissitudes da pandemia.** São Paulo: Blucher, 2022, p. 53 – 84.

WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WINNICOTT, D. W. **Processos de amadurecimento e ambiente facilitador.** São Paulo: UBU Editora, 2022.

WINNICOTT, D. W. **Tudo começa em casa.** São Paulo: UBU Editora, 2021.

Contribuição de Autoria

1 - Ana Clara Consoni Mossini

Psicóloga pelo Centro Universitário de Ourinhos (UNIFIO)

<https://orcid.org/0009-0003-9268-519X> • anaconsonimossini@gmail.com

Contribuição: Conceitualização, Metodologia, Investigação, Análise de dados, Escrita - primeira redação.

2 - Eduardo Toshio Kobori

Psicólogo (UNESP), Mestre em Filosofia (UNIFESP), Doutor em Filosofia (UNIFESP)

<https://orcid.org/0000-0002-0846-0680> • toshio_kobori@hotmail.com

Contribuição: Conceituação, Escrita - revisão e edição.

Como citar este artigo

MOSSINI, A. C. C.; KOBORI, E. T. Novos modos de subjetivação e a repercussão no adolescer.

Revista Sociais e Humanas, Santa Maria, v. 38, e85718, 2025. DOI 10.5902/2317175885718.

Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2317175885718>. Acesso em: XX/XX/XXXX.